

## Autoridade médica em grupos antivacina no WhatsApp no Brasil

### Medical authority on anti-vaccine WhatsApp groups in Brazil

#### *Autoridad médica en grupos antivacunas en WhatsApp en Brasil*

**Giovana Santana Carlos**, Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT/Fundação Oswaldo Cruz), Rio de Janeiro, Brasil (giovanaCarlos@gmail.com)

**Lídia Raquel Herculano Maia**, Universidade Regional do Cariri e Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT/Fundação Oswaldo Cruz), Rio de Janeiro, Brasil (lidia.maia@urca.br)

**Luisa Massarani**, Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT/Fundação Oswaldo Cruz), Rio de Janeiro, Brasil (luisa.massarani@fiocruz.br)

**Thaiane Oliveira**, Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil (thaianeoliveira@id.uff.br)

**Francisco Jadson Silva Maia**, Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT/Fundação Oswaldo Cruz), Rio de Janeiro, Brasil (jadsonmaia@ufrn.edu.br)

**RESUMO** | Neste artigo, analisamos como a autoridade médica é acionada na produção e legitimação de opiniões antivacina em grupos brasileiros do WhatsApp, no período de 20 de julho de 2022 a 31 de julho de 2023. Para tanto, realizamos uma busca por descritores associados ao tema das vacinas, o que resultou na identificação de cinco grupos antivacina nesse aplicativo de troca de mensagens. Utilizando o método da Teoria Fundamentada, realizamos uma análise das principais articulações táticas e discursivas em torno de profissionais da medicina, evidenciadas em 945 mensagens compartilhadas nesses grupos. A partir dessa análise, observamos que a autoridade médica é acionada, principalmente, para embasar opiniões contra a segurança e eficácia das vacinas; para exaltar médicos antivacinação, assim como para se opor a médicos com posicionamentos diferentes do movimento antivacina. A análise aponta, portanto, que esses grupos mantêm uma relação dúbia com a autoridade médica, a qual é posta em questão no processo de formação e solidificação das crenças e opiniões sobre saúde ali compartilhadas. Nesse contexto, observamos que os usuários percebem os grupos antivacinação aqui pesquisados como espaços seguros para a busca e recomendação de médicos que compartilham percepções antivacina, potencializando o cenário de desinformação embasada na autoridade médica na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** autoridade médica, movimento antivacina, desinformação, COVID-19, Brasil, WhatsApp.

#### FORMA DE CITAR

Carlos, G. S. et al. (2025). Autoridade médica em grupos antivacina no WhatsApp no Brasil. *Cuadernos.info*, (60), 143-167. <https://doi.org/10.7764/cdi.60.82122>

---

**ABSTRACT** | *In this article, we analyze how medical authority is used in the production and legitimization of anti-vaccine opinions in Brazilian WhatsApp groups, from July 20, 2022 to July 31, 2023 by searching for descriptors related to the topic of vaccines, which led to the identification of five anti-vaccine groups in this application. Using grounded theory methodology, we conducted an analysis of the key tactical and discursive articulations around healthcare professionals, reflected in 945 messages shared in these groups. In this analysis, we found that medical authority is primarily used to support opinions against the safety and efficacy of vaccines, to glorify anti-vaccination doctors and to oppose physicians with positions other than those of the antivaccination movement. The analysis thus shows that these groups maintain a dubious relationship with medical authority, which is challenged in the process of forming and consolidating the beliefs and opinions on health shared there. In this context, we observed that users perceive the antivaccination groups studied here as safe spaces for finding and recommending doctors who share antivaccination views, reinforcing the scenario of misinformation based on medical authority in the contemporary era.*

**KEYWORDS:** *medical authority, anti-vaccine movement, misinformation, COVID-19, Brazil, WhatsApp.*

---

**RESUMEN** | *En este artículo analizamos cómo la autoridad médica es utilizada en la producción y legitimación de opiniones antivacunas en grupos brasileños de WhatsApp, del 20 de julio de 2022 al 31 de julio de 2023, buscando descriptores asociados con el tema de vacunas, lo que resultó en la identificación de cinco grupos antivacunas en esta aplicación. Utilizando el método de la teoría fundamentada, realizamos un análisis de las principales articulaciones tácticas y discursos en torno a los profesionales médicos en 945 mensajes compartidos en estos grupos. A partir de este análisis observamos que la autoridad médica se utiliza, principalmente, para sustentar opiniones contra la seguridad y la eficacia de las vacunas, exaltar a los médicos antivacunas, así como oponerse a los médicos con posiciones diferentes al movimiento antivacunas. Por lo tanto, el análisis señala que estos grupos mantienen una relación ambigua con la autoridad médica, que es cuestionada en el proceso de formación y solidificación de las creencias y opiniones sobre la salud que allí se comparten. En este contexto, observamos que los usuarios perciben a los grupos antivacunas aquí investigados como espacios seguros para buscar y recomendar médicos que compartan percepciones antivacunas, potenciando el escenario de desinformación basada en la autoridad médica en la época contemporánea.*

**PALABRAS CLAVE:** *autoridad médica, movimiento antivacunas, desinformación, COVID-19, Brasil, WhatsApp.*

## INTRODUÇÃO

O Brasil possui um dos maiores e mais exitosos programas de vacinação do mundo, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) (Maciel et al., 2022). Desde a sua criação, em 1973, o Programa tornou-se uma das intervenções de saúde pública mais relevantes do país (Domingues et al., 2020), tendo produzido resultados importantes, como o controle da poliomielite e rubéola congênita (Gramacho et al., 2024). O país se destaca também pelas altas taxas de aceitação das vacinas, sendo 91% a porcentagem de brasileiros, com filhos e/ou crianças sob sua responsabilidade, pretensos a vacinar as crianças de acordo com o calendário vacinal (Massarani et al., 2022).

Na pandemia causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) (do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), porém, crenças antivacina se disseminaram pelo país (Costa & Silva, 2022; Gramacho et al., 2024; Recuero et al., 2022), sendo motivadas especialmente pelas desconfianças em torno das vacinas contra a COVID-19, as quais foram alimentadas sobretudo pelo então presidente da república, Jair Bolsonaro, e membros do seu governo (Galhardi et al., 2022; Gramacho & Turgeon, 2021; Pontalti Monari & Sacramento, 2021; Soares et al., 2021). A internet foi uma força motriz para potencializar essas ações ao possibilitar a criação e o compartilhamento de conteúdos (nem sempre verídicos) sobre o novo coronavírus. Além disso, permitiu a agregação e criação de laços entre pessoas de opiniões semelhantes por meio de grupos online em plataformas digitais.

Dentre essas plataformas, destaca-se o WhatsApp, mídia social mais usada no Brasil (Dixon, 2024). De acordo com o relatório *Digital 2023: Global Overview Report*, o país se posiciona em segundo lugar no ranking de tempo de uso da plataforma (Kemp, 2023). Enquanto a média mundial de tempo que cada usuário gasta mensalmente no aplicativo (em smartphone com sistema Android) é de cerca de 17 horas, no Brasil ultrapassa 28 horas (Kemp, 2023). Portanto, a análise de como essa plataforma tem sido utilizada na circulação de (des)informação quanto à saúde e às vacinas é essencial para a compreensão de como esses temas têm sido discutidos na esfera pública brasileira.

Compreendendo a importância da plataforma e das conversações que ali ocorrem, analisamos cinco grupos antivacina contra COVID-19, no período de 20 de julho de 2022 a 31 de julho de 2023. A primeira imersão nos dados resultou no encontro de táticas e conteúdos já mapeados em outras pesquisas, que também se debruçaram na análise de grupos antivacina e/ou de desinformação quanto à COVID-19 em aplicativos de trocas de mensagens (Maia et al., 2023; Massuchin et al., 2021; Soares et al., 2021), tais como: politização da vacina; teorias de conspiração; defesa

da liberdade contra a obrigatoriedade dos imunizantes; entre outros. A partir desse mapeamento geral do corpus e da literatura sobre o tema, identificamos uma lacuna importante, que diz respeito ao acionamento da autoridade médica nos grupos online antivacina.

Essa pesquisa surge, então, com o objetivo de contribuir com o debate sobre desinformação em saúde, a partir da análise do acionamento da figura médica enquanto autoridade no contexto do ativismo antivacina no WhatsApp no Brasil. As perguntas que norteiam essa pesquisa são: como a autoridade médica se articula nas conversações em grupos antivacina? De que forma a desinformação acontece a partir de médicos? Que articulações táticas e discursivas são engendradas, pelos membros dos grupos estudados, em torno de profissionais da medicina, na atividade antivacina?

### **AUTORIDADE MÉDICA E MOVIMENTO ANTIVACINA**

Enquanto as plataformas digitais vêm se desenvolvendo e dando novos contornos às práticas de socialização – assim como a tecnologia para desenvolver vacinas, atualmente na 3ª geração (Castelane et al., 2023) –, os principais argumentos antivacinação continuam similares aos de mais de uma década atrás: “que vacinas causam doenças; são ineficazes; fazem parte de uma conspiração médica/farmacêutica/política (...)” etc. (Kata, 2012, p. 3779). Do mesmo modo, repetem-se as práticas de pessoas antivacina na contestação da segurança e eficácia da imunização.

Em análise de websites antivacina em 2009, Kata (2010) observou que uma dessas principais práticas diz respeito à busca por uma suposta verdade que estaria sendo escondida por atores poderosos em busca de lucros obscenos. Tal crença, segundo a autora, abre margem para a aclamação de médicos vistos como iluminados, como sujeitos corajosos que rompem com o *establishment* médico, por falar a “verdade”, em busca de um bem comum. A autora destaca ainda que um dos médicos mais aplaudidos nos websites de língua inglesa analisados foi Andrew Wakefield, autor do estudo considerado precursor da controvérsia sobre vacinas – o qual sugeria uma ligação entre o autismo e a vacina contra sarampo-caxumba-rubéola [MMR]. Embora as conclusões do estudo tenham sido desacreditadas, inclusive com a retratação do artigo, e Wakefield tenha sido acusado de má conduta profissional e falsificação de dados, ainda assim era retratado como um mártir nos sites antivacina analisados pela autora.

No contexto da pandemia de COVID-19, essa mesma narrativa de alçar médicos e outros profissionais antivacina ao posto de “heróis e combatentes pela liberdade” também foi observado por Hughes e colegas (2021, p. 8) em análise de conteúdos

(no idioma inglês) contra a vacinação. Hughes e colegas (2021) apontam que esses expertos da medicina, que falam contra as vacinas, são vistos como bravos denunciantes, que arriscam as suas reputações e carreiras por se colocarem como porta-vozes da verdade para o povo.

Já no contexto brasileiro, Oliveira e colegas (2021) observaram que a instrumentalização do debate científico sobre a pandemia de COVID-19, por parte de apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, passava por um conjunto de narrativas, sendo uma delas voltada à busca por legitimação através do apelo ao discurso de autoridade científica. Nesse contexto, a defesa de medicamentos considerados ineficazes para o tratamento da COVID-19, como a cloroquina e hidroxicloroquina, era legitimada por citações a médicos, pesquisadores e outras autoridades científicas. Por outro lado, pesquisas que indicavam a ineficiência dessas substâncias para o controle da pandemia eram desacreditadas.

Fonseca e colegas (2022) explicam que essa dualidade no tratamento da ciência por parte dos apoiadores do ex-presidente aponta para uma construção de fronteiras entre o que eles consideram como autoridade epistêmica legítima e ilegítima. Segundo os autores, esse trabalho fronteiro seria alimentado por práticas pejorativas e afetivas. A primeira visa invalidar o conhecimento de especialistas contrários às crenças do grupo, enquanto a segunda se concentra na mobilização dos vínculos afetivos necessários para construir a confiança e, assim, validar o conhecimento daqueles que são considerados como pares (Fonseca et al., 2022).

Essa relação dúbia com as instituições epistêmicas também foi notada por Pontalti Monari e Sacramento (2021) em análise da desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19 no WhatsApp. Os autores observaram que, embora as teorias da conspiração contra as vacinas busquem o descrédito dessas instituições, a autoridade delas acaba sendo usada para validar argumentos antivacina sempre que conveniente. Nesse contexto, agentes do campo da medicina despontaram como principais representantes de instituições epistêmicas a serem acionados em estratégias discursivas de legitimação de conteúdos antivacina contra a COVID-19 no WhatsApp (Pontalti Monari & Sacramento, 2021), visto que tais profissionais possuem um importante status social nas sociedades contemporâneas. Apoiados nesses status, alguns profissionais mesclam sua expertise com experiências pessoais na circulação de fake news sobre COVID-19 no WhatsApp, conforme apontado por Klein (2020). Nesse estudo, a autora observou que em todos os vídeos de médicos com desinformação sobre a pandemia, “eles aparecem vestindo jalecos, às vezes, bordados com abreviaturas que remetem à palavra doutor/doutora seguida de nome” (Klein, 2020, p. 41), em um esforço de instrumentalização da autoridade médica para legitimação das opiniões emitidas.

O recurso à autoridade como estratégia discursiva também aparece no estudo de Soares et al. (2021) sobre a desinformação quanto à COVID-19 no WhatsApp no Brasil. Nesse contexto, a menção a médicos e outras figuras de autoridade aparece como estratégia de legitimação de informações fabricadas sobre a pandemia. Já em análise de mensagens de grupos bolsonaristas na pandemia de COVID-19, Massuchin e colegas (2021), por sua vez, observaram que a busca por descredibilizar consensos científicos partia justamente do uso de referências médicas e da própria ciência. Na visão dos autores, essa referência constante aos discursos médicos, nos grupos de WhatsApp analisados, tem relação direta com a confiança depositada em tais profissionais (Massuchin et al., 2021), a qual aumentou durante a pandemia (Lopes, 2020).

Como apontam Ferrari e colegas (2022, p. 4214), “historicamente, a profissão médica goza de imenso prestígio. [...] Ao médico coube o papel de definir realidades, de dizer o que é sanidade ou insanidade”, de elaborar e executar critérios de saúde e doença, gerando paradigmas médicos-sociais. A opinião médica é geralmente imperativa e imbuída de um alto grau de legitimidade (Ferrari et al., 2022), resultado do elevado capital simbólico (Bourdieu, 1990) que os agentes do campo da medicina detêm perante a sociedade. Bourdieu (1990) explica que esse capital simbólico reflete o prestígio ou autoridade que determinados sujeitos possuem no espaço social. Se refere, assim, ao reconhecimento da competência de determinados agentes, nesse caso profissionais da saúde, para abordar temas específicos.

Entretanto, nem sempre a opinião médica é uníssona. Com a epidemia da Covid-19 isso ficou ainda mais evidente, em vista das diferentes informações divulgadas para o combate e tratamento da doença. Tal disputa acabou potencializando o fenômeno da desinformação, aqui entendida como uma informação falsa, imprecisa, incompleta ou descontextualizada criada com (ou mesmo sem) o intuito de causar dano a algo ou alguém (Wardle & Derakhshan, 2017).

A desinformação a partir de médicos existe há muito tempo. Saver (2023) relata, por exemplo, como médicos promoviam enemas de café para combater o câncer durante os anos 1940 e 1950. Na pandemia, profissionais da medicina desempenharam um papel proeminente no fenômeno mundial de desinformação ao contribuir com a criação e disseminação de conteúdos enganosos sobre a COVID-19 (Saver, 2023). Ao analisar conteúdos antivacina contra o coronavírus em mídias sociais, o *Center for Countering Digital Hate* encontrou 12 pessoas, destas quatro eram médicos, responsáveis por 65% do conteúdo investigado em 2021 (Saver, 2023). Outra pesquisa sobre médicos e desinformação nos Estados Unidos (Sule et al., 2023) revelou que muitos desses profissionais estavam associados a organizações que décadas antes da pandemia já espalhavam desinformação,

embora tenham tido mais expressão e reconhecimento durante a pandemia. Isto porque a propagação de desinformação

tem se tornado uma indústria cada vez mais lucrativa dentro e fora da medicina. Por exemplo, os médicos da America's Frontline Doctors implementaram um serviço de telemedicina que cobrava US\$ 90 por consulta, principalmente para prescrever hidroxicloroquina e ivermectina para COVID-19 a pacientes em todo o país, lucrando pelo menos US\$ 15 milhões com o empreendimento. (Sule et al., 2023, p. 7).

No Brasil, profissionais da medicina também se organizaram de forma estratégica, formando o movimento Médicos pela Vida (MPV), para a defesa de medicamentos considerados ineficazes pela comunidade científica no tratamento da COVID-19 e para o ataque às vacinas contra o SARS-CoV-2 (Ferrari et al. 2022; Dias et al., 2022). Como observado por Machado et al. (2020) em análise de conteúdos com desinformação sobre vacinas no YouTube, essa contestação à imunização, em alguns casos, está relacionada a um viés mercadológico em torno da venda de serviços de saúde. Assim, canais de saúde alternativos espalham a desconfiança em relação às instituições epistêmicas tradicionais para se promoverem como fontes confiáveis para o público e, portanto, lucrar com serviços de saúde alternativos (Machado et al., 2020).

Além do viés mercadológico, se destaca também um viés político no ativismo de alguns desses profissionais no Brasil, que demonstraram um alinhamento irrestrito com a gestão de Jair Bolsonaro quanto à pandemia (Dias et al., 2022). Assim, o caso brasileiro é paradigmático na América Latina, devido ao apoio mútuo entre o então presidente e médicos antivacina, que acionaram uma retórica científica e a legitimidade do campo da medicina para a crítica aos imunizantes e a defesa de medicamentos ineficazes para o controle da pandemia de COVID-19 (Dias et al., 2022; Pontalti Monari & Sacramento, 2021; Soares et al., 2021).

## **METODOLOGIA**

O WhatsApp conta com uma série de recursos que dificultam o monitoramento das mensagens compartilhadas na plataforma, mesmo em grupos e canais públicos. Se, por um lado, isso representa vantagens para os usuários (como a privacidade, por exemplo), por outro, produz diversos desafios de pesquisa e dificuldades para o rastreamento da desinformação na plataforma (Massuchin et al., 2021). Assim, ao longo dessa investigação, tivemos que contornar uma série de desafios metodológicos, que se apresentaram desde o momento de localização dos grupos e coleta dos dados, até as fases de tratamento das mensagens e elaboração do

relatório da pesquisa. Diante desses percalços, elaboramos diferentes estratégias metodológicas, as quais apresentamos a seguir.

O primeiro passo consistiu em mapear a discussão sobre vacinas no WhatsApp no Brasil, a partir do uso da técnica de *snowballing* na busca por links de convites para grupos públicos desse aplicativo no Facebook, Telegram e X (antigo Twitter). Os termos utilizados para a busca foram: vacina, vacinação, vacinados, COVID-19, AstraZeneca, CoronaVac, Janssen e Pfizer. Também houve variações linguísticas referentes aos termos, em função de concordância, substantivos, flexões verbais ou variações morfológicas. Para facilitar o processo de identificação, foi anexado a esses termos o link padrão de convite para grupos do WhatsApp (<https://chat.whatsapp.com>).

Nessa busca, foram encontrados 17 grupos públicos no WhatsApp no Brasil sobre vacinas e COVID-19. Desse total, sete grupos não apresentaram atividade alguma no período, sendo excluídos deste estudo. Outros quatro foram excluídos por serem específicos a um tema, como “Covid longa”, restando seis grupos públicos que apresentavam os termos vacina ou vacinados em seus títulos e que tinham os imunizantes como assunto central de suas interações. Considerando nosso objetivo, buscamos nas conversas dos grupos pelos seguintes termos: doutor, dr., dr, médico, medico, médica, medica e crm. Tal busca resultou na exclusão de mais um grupo, que continha apenas duas mensagens aludindo aos termos pesquisados, que não se aplicavam ao objetivo proposto.

Neste estudo, portanto, analisamos cinco grupos públicos de WhatsApp, dos quais extraímos 1534 mensagens relacionadas ao campo da medicina associadas aos descritores indicados no parágrafo anterior. A partir de uma análise exploratória, observamos que algumas mensagens não se aplicavam ao nosso objetivo em função das seguintes razões: não estavam em português, como *medical journal*; traziam apenas links; utilizavam a palavra “doutor” e similares para designar advogados e profissionais não médicos com doutorado; apresentavam termos relacionados ao universo da medicina, como boletim médico, de forma generalista.

Após a aplicação desses critérios de exclusão, obtivemos 945 mensagens qualificadas para análise, compartilhadas entre julho de 2022 e julho de 2023, oriundas de cinco grupos antivacina no WhatsApp, que contavam com 760 participantes. Conforme o quadro 1, o menor grupo tinha 48 participantes e o maior 317. Adotamos essa amostragem por conveniência, não probabilística, devido à dificuldade de acesso aos dados no WhatsApp. Esse mesmo tipo de decisão metodológica já havia sido adotado por outros autores que estudaram a circulação de conteúdos sobre pandemia e vacinas nesta plataforma (Massuchin et al., 2021; Pontalti Monari & Sacramento, 2021).

Grupo	Número de participantes	Descrição geral dos grupos
1	48	De modo geral, os grupos monitorados manifestaram oposição tanto aos imunizantes quanto às medidas destinadas ao controle da propagação do vírus. Medidas como o uso de máscaras, o distanciamento social e a exigência de comprovação vacinal foram amplamente rejeitadas e interpretadas como ameaças às liberdades e direitos individuais.
2	67	
3	157	A interação dos usuários em torno desses tópicos apresentava um padrão de consenso, com baixa frequência de divergências de opinião. É relevante observar que essas comunidades também caracterizavam tais medidas como autoritárias, associando-as a ideologias de esquerda e ao comunismo. Nesse contexto, os usuários frequentemente expressavam apoio ao então presidente Jair Bolsonaro, que era visto como um líder representativo da nova direita.
4	171	
5	317	

### Quadro 1. Grupos antivacina no WhatsApp

*Fonte: Elaboração própria.*

A análise desse intervalo temporal (um ano) nos permitiu observar a persistência de algumas articulações tático-discursivas em torno de profissionais da medicina nos grupos estudados e refletir sobre a solidificação das crenças antivacina a partir do acionamento da autoridade desses agentes.

A extração dos dados ocorreu semanalmente, pois os membros administradores da maioria dos grupos selecionados ativaram a opção "novas mensagens desaparecerão desta conversa 7 dias após o envio", recurso disponível no WhatsApp. Tal extração foi operacionalizada através da ferramenta Exportar conversa, também disponibilizada pela plataforma. É importante salientar que foram considerados apenas os conteúdos textuais, isto é, vídeos, imagens e áudios não fazem parte do corpus. Em alguns casos, a conversa escrita aponta a tais formatos, mas não nos debruçamos em seus conteúdos, apenas no que é dito sobre eles.

Por motivos de ética de pesquisa e segurança dos autores, os nomes ou links dos grupos analisados não serão divulgados. A coleta dos dados foi realizada por meio de uma observação não-participante, sem qualquer tipo de interação ou produção de conteúdo nos grupos estudados. Essa abordagem se justifica pelo fato de que os grupos analisados são públicos e acessíveis a qualquer pessoa, e a revelação da identidade dos pesquisadores representaria um risco, além de inviabilizar a própria pesquisa. Esse tipo de decisão metodológica também foi adotado por outros pesquisadores dedicados à análise de mensagens compartilhadas em grupos públicos no WhatsApp (Massuchin et al., 2021). As mensagens coletadas foram anonimizadas e analisadas a partir das contribuições advindas da teoria fundamentada (TF), criada por Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss. A TF possibilita

um tratamento sistemático de dados em uma perspectiva quanti-qualitativa por meio de seleção, comparação e codificação para a criação de categorias para análise do fenômeno investigado (Fragoso et al., 2011). Desse modo, as categorias de análise foram emergindo a partir da observação dos padrões de acionamento da autoridade médica nos grupos estudados. A codificação inicial passou por algumas rodadas de revisão e debate entre os autores, até que houvesse um total acordo quanto à codificação do material e até que todas as particularidades, sequências e regularidades tivessem sido mapeadas e sistematizadas nas categorias de análise que apresentamos no tópico a seguir.

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A partir da análise das 945 mensagens coletadas em cinco grupos antivacina, elencamos dez categorias que sistematizam as articulações táticas e discursivas em torno da autoridade médica no WhatsApp, elencadas do maior para o menor número de mensagens, conforme exposto no quadro 2.

O acionamento da autoridade médica para questionamento da eficácia e segurança da vacina é o tipo de articulação tática-discursiva que mais se sobressai no corpus estudado. Assim, em mais de um quinto (202) das 945 mensagens analisadas, aparecem alegações de que as vacinas contra a Covid-19 poderiam levar à morte; causar trombose, câncer, doenças crônicas e outras enfermidades; além de enfraquecer o sistema imunológico, conter metais pesados e outras substâncias perigosas. Contrariando o consenso científico, os usuários dos grupos analisados argumentam que os supostos riscos não superam os benefícios das vacinas, que seriam, na visão deles, ineficazes para o controle do coronavírus. Como suporte para essas alegações, aparece o apelo ao argumento de autoridade médica, artifício que tem sido identificado também em outras pesquisas sobre a desinformação quanto à Covid-19 (Machado et al., 2020; Massuchin et al., 2021; Pontalti Monari & Sacramento, 2021; Soares et al., 2021).

Essa autoridade médica é acionada tanto por usuários comuns quanto por pessoas que se apresentam como profissionais da medicina, como no exemplo<sup>1</sup> a seguir: “sou médico e não me vacinei (...). Trata-se de tecnologia nova, sem segurança e eficácia comprovadas. Os efeitos adversos desse experimento superam qualquer expectativa. (...)” (id\_0519, Grupo 1). Nesse exemplo, vemos como o médico se utiliza do capital simbólico (Bourdieu, 1990), conferido por sua posição social no campo da medicina, para questionar a segurança e eficácia das vacinas.

---

1. A grafia das mensagens, utilizadas como exemplo para este artigo, foi mantida tal qual publicada nos grupos consultados, incluindo erros gramaticais.

Categoria	Descrição	Número de	Nº
		mensagens	percentual
Acionamento da autoridade médica para questionamento da eficácia e segurança da vacina	Mensagens em que os usuários acionam a autoridade médica para legitimar argumentos que atuam no sentido de contestar a segurança e eficácia das vacinas.	202	21%
Reconhecimento e exaltação de médico(a)s	Mensagens com elogios e opiniões a favor de médicos, no geral ou específico, nas quais transparece a confiança e crença nos profissionais, assim como compartilhamento de seus conteúdos (vídeos, áudios etc.).	191	20%
Contestação à autoridade médica	Mensagens contra médicos, no geral ou específico. Há desconfiança nos profissionais, suas práticas e motivações. Pode se referir a algum aspecto específico de um médico, mesmo ele sendo legitimado pelos usuários no movimento antivacina.	176	19%
Solicitações e oferecimentos de indicações médicas	Mensagens com solicitações e recomendações de médicos, específicos ou “de confiança”, para si ou para conhecidos, com o objetivo de: marcar consulta; conseguir laudo médico para não se vacinar; ter acesso a conteúdos (vídeos, áudios, textos) com temas específicos com médicos. Além do compartilhamento de dicas gerais de profissionais da medicina.	95	10%
Instrumentalização política da rede antivacina a partir de médico(a)s	Mensagens que instigam ativismo antivacina e destacam médicos lutando em prol do movimento. Há também mensagens em que são citados e listados por nome médicos antivacina em busca de apoio eleitoral e político.	90	10%
Apelo à autoridade médica para a defesa de tratamentos sem evidências científicas	Mensagens que recorrem à autoridade médica para legitimação de tratamentos que supostamente atuariam: no aumento da imunidade; na limpeza do corpo contra metais; na cura da Covid-19, através da indicação de ingestão de remédios para outras doenças; no tratamento pós-covid, o qual pode vir associado com indicação de exames específicos para acompanhamento.	88	9%
Relatos de suposta perseguição a médico(a)s antivacina	Mensagens que apresentam relatos de médicos que supostamente teriam sido perseguidos por representantes da ordem instituída em função da posição antivacina.	44	5%
Relatos de supostas mortes e sequelas em médico(a)s em função da vacina	Mensagens com histórias pessoais sobre supostas mortes e sequelas em médicos causadas pelas vacinas contra a Covid-19, acompanhadas ou não com link e texto como uma notícia.	27	3%
Apelo à autoridade médica para a propagação de desinformação e teorias conspiratórias quanto à Covid-19	Mensagens com desinformação e/ou teorias conspiratórias sobre a pandemia no geral (ou seja, não focadas nas vacinas). Nelas, os membros questionam a existência do vírus, sugerem que a pandemia é um plano de controle mundial e que medidas de contenção do vírus não funcionam.	19	2%
Promoção e oferta de produtos e serviços relacionados a médico(a)s	Mensagens de médicos e outros profissionais promovendo produtos e serviços remunerados tais como: consultas, lives, masterclass etc.	13	1%
<b>Total Geral</b>		<b>945</b>	<b>100%</b>

## Quadro 2. Categorias de análise

Fonte: Elaboração própria.

Nesse contexto, desponta uma disputa entre autorização e autoridade (Oliveira, 2020), visto que, embora agentes da medicina gozem de autoridade perante a sociedade para tratar sobre temas de saúde, ainda assim não possuem autorização para tratar de assuntos concernentes à ciência sem respaldo científico. Mas, dado o alto grau de legitimidade que tais agentes detêm nos grupos estudados, a possibilidade de que não sejam porta-vozes legítimos do campo científico não é sequer cogitada pelos usuários.

**🗣️Vacinados tudo inflamados 🦠**

Trecho de live com o Dr. Djalma Marques e Dr. Alessandro Loiola sobre vacinas: "Eu peguei uma família ontem de 5 pessoas, as 5 vacinadas e as 5 com Covid. Eu não sei muito o que fazer. A gente ainda tá estudando. Tá tudo inflamado. (...)". (id\_0596, Grupo 2).

**Quadro 3. Exemplo de mensagem da categoria de acionamento da autoridade médica**

*Fonte: Extraído de um dos grupos de WhatsApp analisados.*

Além do apelo ao status da profissão de modo geral, aparecem ainda narrativas de casos particulares relacionados ao cotidiano da atividade médica, como na mensagem acima, que ilustra transcrições de falas de médicos em lives, eventos, entrevistas e outras aparições públicas, nas quais destacam-se argumentos contra a segurança e eficácia das vacinas (quadro 3).

Essa mobilização da experiência pessoal, supostamente advinda da prática da medicina, na disseminação de desinformação quanto à Covid-19, a partir de médicos no WhatsApp, também foi observada por Klein (2020). Nesse caso, é como se o contato direto desses profissionais com os enfermos lhes desse condições de fazer inferências em torno da vacina, sem a necessidade de respaldo científico. Em análise de grupos bolsonaristas no Telegram, Fonseca e colegas (2022) também observaram essa elevação da experiência como se fosse algo superior a outros atributos das comunidades científicas, como o rigor estatístico ou metodológico. Conforme observado também por Fonseca et al. (2022), o conhecimento codificado, advindo de instituições científicas, recebe menos relevância do que aquele advindo de médicos, que estariam ali próximos das pessoas e teriam experiência prática da doença.

Esse recurso à experiência pessoal aparece também nos relatos dos usuários (enquanto pacientes) em suas interações com médicos, como no exemplo a seguir: "Médico falo para mim que daqui a 3 anos vai vim uma PAMDEMIA de Carcer a onde vai morre milhões de pessoa eu acredito que seja as pessoas que tomo essas vacinas GENETICAS" (id\_0443, Grupo 5). A palavra do médico aparece aí como profecia a ser cumprida, corroborando os apontamentos de Ferrari et al. (2022), sobre o papel de definição de realidades operado há muito por médicos na sociedade. Despontam ainda nesses argumentos teorias conspiracionistas já mapeadas em outros estudos sobre a desinformação quanto à Covid-19 (Maia et al., 2023; Pontalti Monari e Sacramento, 2021; Soares et al., 2021), alicerçadas na ideia de que a pandemia seria um plano de elites econômicas, farmacêuticas e políticas com o fim de controle da população mundial, como exemplifica a mensagem a seguir: "(...), escutei um audio de um medico alemão, ele dizia q essa peste foi criada pra reduzir a população mundial, q as pessoas iriam q nem ovelhas pro matadouro pensando q iam se proteger, ai q iam atingir o

objetivo, matar aos milhares” (id\_1041, Grupo 3). Assim, em 19 mensagens aparece o apelo à autoridade médica para a propagação de desinformação e teorias conspiratórias quanto à COVID-19. Aqui, do mesmo modo como observado por Kata (2010) e Hughes e colegas (2021) em análise de conteúdo antivacina em inglês, os médicos aparecem como porta-vozes da verdade, mensageiros proféticos, iluminados e heroicos na sua posição de alertar as pessoas contra o sistema. Nesse sentido, observamos que a atuação contra as vacinas resulta em manifestações de reconhecimento e exaltação de médico(a)s, que aparecem em 191 mensagens no corpus desta pesquisa. Nessas mensagens, as menções a médicos se dão tanto de forma generalista como nominal. Nesse último caso, os nomes dos médicos podem ser acompanhados de sua formação acadêmica, vinculação institucional ou organizacional. Essa menção às credenciais, conferidas por titulações e vinculação a instituições, normalmente, é realizada como estratégia para alavancar a legitimidade do que está sendo dito, como instrumento que autoriza o discurso proferido. Assim, embora o ataque às instituições epistêmicas seja frequente em comunidades antivacina (Kata, 2010, 2012; Pontalti Monari & Sacramento, 2021; Recuero et al., 2022), a legitimidade delas é constantemente invocada para dar sustentação aos discursos de oposição à vacinação.

Alguns médicos, porém, parecem dispensar apresentações, pois são continuamente citados, seja pelo seu nome completo, acompanhado de um “Dr.” ou “Dra.”, ou simplesmente pelo primeiro nome, dada a familiaridade com tal pessoa, como exemplifica a mensagem a seguir: “vítimas dq vacina hpv foram tratadas c descrédito por médicos da USP, alegando q as vítimas tinham problemas psicológicos, e desacreditaram a dra Maria Emília, única q falou q diagnóstico da USP foi uma farsa” (id\_1643, Grupo 3). A médica citada nessa mensagem é Maria Emília Gadelha Serra, que é descrita por um dos usuários como “competente & destemida” (id\_0143, Grupo 2) e apresentada por outro como médica “graduada (...) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (...); Mestre pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) (...) Fundadora e atual Presidente da Sociedade Brasileira de Ozonioterapia” (id\_1311, Grupo 4).

Se, por um lado, médicos considerados aliados são reconhecidos e exaltados, por outro, médicos defensores das vacinas são retratados como inimigos pelos membros dos grupos. Assim, em 176 mensagens há uma contestação à autoridade médica, que deixa evidente a relação dúbia que os membros dos grupos estudados mantêm com agentes do campo da medicina. Nessas mensagens, médicos pró-vacinas são retratados como pessoas gananciosas em busca de lucro e associados a políticos e à indústria farmacêutica. Tais críticas são direcionadas tanto a profissionais específicos quanto à parte da categoria profissional como um todo, que se posiciona a favor da vacinação, como ilustram as mensagens a seguir (Quadro 4).

“(...) os médicos que sabem todas as barbaridades horríveis causadas pelas vacinas, estão fazendo pouco barulho e pedindo muito dinheiro”  
(id\_0300, Grupo 2).

“Sabemos que a grande maioria dos médicos são comprados pelo Sistema”  
(id\_1432, Grupo 1).

“(...) A Pfizer SUBORNOU mais de 400 organizações médicas “independentes” e organizações sem fins lucrativos para propagar supostas narrativas falsas sobre sua chamada vacina (...)”  
(id\_0355, Grupo 5).

#### **Quadro 4. Conjunto de mensagens da categoria contestação à autoridade médica**

*Fonte: Extraído de um dos grupos de WhatsApp analisados.*

Os membros dos grupos estudados operam, portanto, aquilo que Fonseca e colegas (2022) chamam de trabalho fronteiro, que envolve práticas pejorativas e afetivas. As primeiras operam na estigmatização e descredibilização de profissionais não alinhados as crenças do grupo, que chegam a ser retratados como assassinos por alguns membros; enquanto as segundas repousam na exaltação de uma medicina alternativa, supostamente altruísta e alinhada ao que seriam os verdadeiros interesses do povo.

A partir de tal entendimento, os membros dos grupos estudados demonstram uma extrema preocupação com a escolha dos médicos a serem consultados, nesse sentido, um deles orienta: “Muito cuidado na hora de escolher os seus médicos, você pode acabar caindo na mão de um (a) psicopata transvestido de médico!” (id\_1336, Grupo 3). Tal mensagem exemplifica a relação dúbia que esses grupos mantêm com autoridades epistêmicas e o modo como a autoridade médica é posta em questão pelos usuários do aplicativo no processo de formação e solidificação das crenças e opiniões sobre saúde ali compartilhadas.

Diante dessa preocupação em buscar profissionais alinhados ao movimento antivacina, os grupos acabam funcionando como canais de solicitações e oferecimentos de indicações médicas, sendo essa quarta categoria mais presente no corpus da pesquisa. Nas 95 mensagens agrupadas nessa categoria, aparecem solicitações de indicações de médicos antivacina, para localização de conteúdos de interesse do grupo ou marcação de consultas, como ilustram os trechos a seguir (quadro 5).

"Alguem tem a lista de medicos de SP que aceitam que a vac é um problema. Tem uma moça de Porto Feliz que precisa de um pneumo e cardiologista"  
(id\_1345, Grupo 4).

"Alguém tem aquele vídeo dos médicos cientistas da vaxx que foram assassinados?"  
(id\_0246, Grupo 2).

#### **Quadro 5. Mensagens da categoria solicitações e oferecimentos de indicações médicas**

*Fonte: Extraído de um dos grupos de WhatsApp analisados.*

Essas solicitações eram respondidas com indicações de profissionais específicos e compartilhamento de conteúdos produzidos por ou com a presença de profissionais da medicina. Além disso, nessa categoria, aparecem ainda pedidos e oferecimentos de indicações de profissionais que atuavam na emissão de laudo para isenção da obrigatoriedade das vacinas contra a COVID-19, como exemplifica a "LISTA E CONTATOS DE ALGUNS DOS 15 MIL MEDICOS PELA VIDA QUE PODEM TE AJUDAR MÉDICOS QUE EMITEM LAUDOS e declarações de isenção de vacinas mediante os exames comprobatórios de algumas doenças ou infecção prévia ( imunidade ): (...)" (id\_0864, Grupo 3), que apresentava nomes completos e telefones dos profissionais.

Essas mensagens demonstram que os grupos parecem funcionar como um canal de serviços para muitos membros, que depositam alta confiança nas indicações uns dos outros. Em análise de canais antivacina no YouTube, Machado e colegas (2020) observaram a narrativa constante de que as pessoas precisam exercer autodireção para se proteger de atores malévolos. No nosso caso, observamos que essa narrativa se complementa com uma defesa de ajuda mútua, de necessidade de busca pelas orientações do grupo para não cair nas mãos dos que seriam falsos médicos.

A partir de um trabalho de delimitação de um nós versus eles, os membros buscam formas seguras para escolher especialistas que confirmariam suas crenças sobre as vacinas. Nesse sentido, Saver (2023) comenta que a desinformação médica é frequentemente enquadrada de forma sensacionalista ou emocional para se alinhar a preconceitos cognitivos, apelar à ansiedade dos indivíduos ou reafirmar os valores políticos e culturais do público, especialmente em tempos desafiadores, como a pandemia, que ocorreu em meio à politização da ciência e da saúde.

A este respeito, observamos a instrumentalização política da rede antivacina a partir de médico(a)s em 90 mensagens que apresentavam a conclamação a mobilizações presenciais e/ou reuniões em prol das pautas antivacina, ou ainda exaltação de médicos específicos que estariam politicamente engajados na luta pelas demandas desses grupos. A maioria dos textos tinha como autores os próprios médicos ou associações de médicos, e era compartilhada por eles mesmos ou por outros integrantes do grupo.

Um dos temas que envolveram o ativismo e mobilização nas conversas dizia respeito à vacinação de crianças contra a Covid-19, como ilustra a mensagem a seguir: “Colegas médicos: Convoco todos deste grupo a defenderem as crianças publicamente façam vídeos com orientação para os pais Sobre a questão dos imunizantes (...) há estudos mostrando reações severas (...)” (id\_0394, Grupo 4). Outro tema em circulação diz respeito às eleições presidenciais e estaduais no Brasil, ocorridas em outubro de 2022. Nesse contexto, surgiram mensagens em que médicos antivacina eram citados e listados em busca de apoio eleitoral e político. Por exemplo, oito nomes foram apresentados em uma lista, junto ao possível cargo e cidade, num dos grupos antivacina: “MÉDICOSE JURISTAS PRÉ CANDIDATOS, QUE LUTAM PELA NÃO OBRIGATORIEDADE DAS INOCULAÇÕES EXPERIMENTAIS CONTRA COVID-19 E PASSAPORTE SANITÁRIO” (id\_1034, Grupo 2).

Em mais de um grupo foi possível identificar o partido do ex-presidente, Partido Liberal (PL), sendo citado assim como listas de “\*Candidatos que apoiam o Presidente Jair Messias Bolsonaro\*” (id\_0251, Grupo 1), o que demonstra o alinhamento político desses grupos com o ex-presidente brasileiro e corrobora as observações de Soares e colegas (2021) quanto ao enquadramento político da pandemia e uso da desinformação para fortalecimento de narrativas pró-Bolsonaro no WhatsApp. No nosso caso, porém, observamos o uso da desinformação não apenas para benefício do então presidente, mas também para alavancar a carreira política de médicos que se projetaram nacionalmente a partir do ativismo antivacina contra a COVID-19 e em prol de medicamentos comprovadamente ineficazes para o controle da doença. Nesse contexto, alguns nomes se destacam, sendo mencionados dezenas de vezes nos grupos estudados enquanto referência na defesa dessas substâncias e no ativismo antivacina, tais como: Maria Emília Gadelha Serra, José Augusto Nasser, Lair Ribeiro, Nise Yamaguchi, Alessandro Loiola, entre outros.

O médico José Augusto Nasser, por exemplo, é frequentemente citado em mensagens que trazem um protocolo de uso de medicamentos que atuariam na eliminação de uma suposta “toxicidade das vacinas”. Assim, o chamado “protocolo pós vacina indicado pelo dr. José Augusto Nasser”, foi compartilhado 21 vezes em quatro dos cinco grupos aqui analisados, sendo responsável por quase um quarto das 88 mensagens com apelo à autoridade médica para a defesa de tratamentos sem evidências científicas. Outro protocolo nove vezes compartilhado em três grupos foi o dos Médicos Pela Vida (MPV). Nessas mensagens, esse protocolo aparece como panaceia, pois atuaria na prevenção da Covid-19 e no tratamento de supostos efeitos nocivos da vacina e dos sintomas da doença, como ilustra o trecho a seguir: “Protocolo dos Médicos pela Vida, para o uso dos amigos que estejam em dificuldades: DICA aos VACINADOS, aos doentes Covid Positivo e para Profilaxia/ Prevenção (...)” (id\_1432, Grupo 1).

Esses protocolos envolvem desde o uso da naturopatia até medicamentos que compunham o tratamento precoce, termo utilizado durante a pandemia no Brasil para designar o uso do popularmente chamado kit COVID (o qual compreende uma ampla lista de remédios que inclui vitaminas C e D, zinco, ivermectina, hidroxicloroquina, nitazoxanida, azitromicina, prednisona, corticosteroides, entre outros) em pacientes diagnosticados com COVID-19 (Ferrari et al., 2022). Como ilustra a mensagem acima, esse kit foi sistematicamente defendido pelos MPV, associação formada por médicos alinhados ideologicamente ao governo do então presidente Jair Bolsonaro, que organizaram manifestos às autoridades e buscaram formas de alcançar amplamente a opinião pública com desinformação sobre a pandemia e as vacinas (Ferrari et al. 2022; Dias et al., 2022).

A defesa desses medicamentos para a cura e prevenção da COVID-19 já havia sido observada por outros autores em estudos sobre a desinformação quanto à pandemia (Oliveira et al., 2021; Fonseca, 2022). A novidade em nosso corpus é o realinhamento discursivo em torno da redução do número de casos e mortes (resultado justamente do avanço da vacinação contra a COVID-19): os tais protocolos com medicamentos continuaram a circular nos grupos, mas agora também como instrumento de cura e prevenção não apenas do vírus, mas também das supostas “sequelas” dos imunizantes.

Como mencionado acima, desponta ainda no corpus a defesa da naturopatia. Assim, aparece nessas mensagens a associação de uma medicina alternativa (ou complementar, integrativa) em contraposição a uma tradicional especializada e tecnocientífica, que não estaria apta a combater o coronavírus e resulta ineficaz ou em efeitos colaterais negativos. Nesse contexto, o discurso contra a vacinação se apropria da defesa de um modelo de saúde integral, humanizada e holística (Ferrari et al., 2022) para a promoção do que seriam medicamentos mais naturais, como chás, ao invés dos ligados à indústria farmacêutica. A presença de medicamentos produzidos por essa mesma indústria nos tais protocolos mencionados anteriormente, porém, não era alvo de contestação dentro dos grupos.

Essas mensagens com a defesa da naturopatia, ou de diversos medicamentos propalados como alternativa às vacinas, são enviadas tanto por usuários comuns dos grupos, que acionam a autoridade médica para legitimar o conteúdo compartilhado, quanto pelos próprios médicos, que inserem suas assinaturas com credenciais de especialização e informações para contato - o que aponta para indícios da presença de interesses mercadológicos na crítica às vacinas.

Assim, observamos a explícita promoção e oferta de produtos e serviços relacionados a médico(a)s em 13 mensagens, que traziam a divulgação de arrecadação de fundos para projetos relacionados ao ativismo antivacina (como a produção de um documentário sobre o tema) e de atividades que visavam retorno financeiro, tais como consultas e cursos, como ilustram os exemplos acima (quadro 6).

"Depois de quase 3 anos sendo bombardeados pelo maior experimento de controle da mente já realizado, \*qual caminho tomar para fazer um DETOX MENTAL?\* (...) Você vai encontrar explicações para esta e outras perguntas na mais nova \*masterclass do Dr. Nasser\*! (...) Ps: \*quem já é aluno tem desconto\* no acesso a esta masterclass. Confira na plataforma de alunos. Abraços, (...) (id\_1418, Grupo 3).

Caso precisem de atendimento e consulta online estou a disposição.  
Basta solicitar por email que te passo maiores informações de como funciona e valores.

\*- Tratamento e Consulta Cardiológica\*

\*- Tratamento de Covid\*

\*- Laudo e avaliação médica para não se vacinar\*

\*- Cuidados no Pós-Covid\*

(...) (id\_0067, Grupo 4)."

#### **Quadro 6. Mensagens da categoria promoção e oferta de produtos e serviços relacionados a médico(a)s**

*Fonte: Extraído de um dos grupos de WhatsApp analisados.*

Esses exemplos corroboram as observações de Sule e colegas (2023) de que a postura antivacina tem se tornado um empreendimento cada vez mais lucrativo entre alguns profissionais da medicina, que ignoram os constrangimentos éticos desse campo social em busca de ganhos pessoais, ainda que isso resulte em sérias consequências para a saúde pública. Machado e colegas (2020) argumentam que esses promotores de terapias alternativas usam a desconfiança em torno das instituições epistêmicas para se estabelecerem como fontes confiáveis e criarem consumidores para seus cursos, livros e serviços. Antes disso, porém, produzem e compartilham materiais gratuitos, reforçando na audiência uma ideia de missão altruísta.

Assim, esses profissionais apresentam-se como antagonistas corajosos e vítimas perseguidas por resistirem a um sistema corrupto. Esse tipo de narrativa aparece em 44 mensagens em nosso corpus, que trazem relatos de suposta perseguição a médico(a)s antivacina. Nessas mensagens, os médicos antivacina aparecem como acoçados por instituições de saúde, imprensa, governos, órgãos sanitários e representantes da ordem instituída no geral, como ilustram os textos a seguir (Quadro 7).

Nessas mensagens, profissionais antivacina são retratados como heróis altruístas, perseguidos por elites que, supostamente movidas por interesse em lucro e poder, defendem de forma irrestrita as vacinas. A suposta perseguição se daria também na forma de imposição das vacinas para profissionais da saúde, a qual resultaria em sequelas e mortes desses profissionais, como ilustra a seguinte mensagem, que é parte do conjunto de 27 categorizadas em relatos de supostas mortes e sequelas em médico(a)s em função da vacina: “\*EXCLUSIVO: 3 médicos do mesmo hospital no Canadá 'morrem de repente' na mesma semana, dias após serem obrigados a tomar a 4a dose de vacina contra o Covid.\*” (id\_1221, Grupo 3).

“A médica Japonesa da minha cidade será demitida. Fonte segura que tenho. Motivo? Receitar tratamento e não i dicar a vacina!!! (...)”  
(id\_0468, Grupo 4).

“ABSURDO! Perseguição política e financeira aos milhares de médicos que defenderam o tratamento precoce contra covid. O objetivo é claro: CALAR esses profissionais e desestimular a continuar no combate as fakenews da indústria farmacêutica (...)”  
(id\_0547, Grupo 4).

### **Quadro 7. Mensagens da categoria relatos de suposta perseguição a médico(a)s antivacina**

*Fonte: Extraído de um dos grupos de WhatsApp analisados.*

Assim, aqueles que se posicionam contra as vacinas estariam arriscando suas carreiras e reputação, ao falar a verdade para as pessoas sobre os imunizantes. Enquanto isso, aqueles que aderem ao sistema, estariam colocando a própria vida em risco ao aceitar receber as vacinas contra a COVID-19. Tais mensagens operam na martirização desses profissionais pelos representantes da ordem instituída, o que contribui para criar um imaginário quase mítico em torno desses agentes nos grupos analisados.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta investigação teve o intuito de analisar como a autoridade médica é acionada nas conversações em cinco grupos brasileiros antivacinas no WhatsApp, no período de 20 julho de 2022 a 31 de julho de 2023. A partir da análise de 945 mensagens, sistematizamos dez categorias que evidenciam as principais articulações táticas e discursivas envolvendo médicos nessas comunidades online.

Nesse sentido, observamos que a autoridade médica é acionada principalmente para contestação da segurança e eficácia das vacinas contra a COVID-19. Em sua maioria, médicos são citados de forma elogiosa e recomendados para compartilhamento de seus conteúdos antivacina. As opiniões sobre os médicos reconhecidos ocorrem de forma a validar as ideologias dos usuários.

Embora haja conteúdos de autoria médica, a maioria provém de opiniões dos usuários, os quais em alguns casos demonstram sua desconsideração a médicos específicos ou parte da classe médica no geral quando em confronto com as opiniões dos grupos. Nesse contexto, tais profissionais são apontados como aliados a políticos e indústria farmacêutica, em busca de lucros obscenos. Há, inclusive, exaltação de uma medicina alternativa, focada em naturopatia, contrária à medicina tradicional especializada e tecnocientífica. Entretanto, não há ponderações de que este poderia ser o caso para a ivermectina, por exemplo, e de outros medicamentos não comprovados cientificamente para combater o coronavírus. Da mesma forma,

não se questiona a ética dos médicos que fariam laudos eximindo pessoas da obrigatoriedade da vacinação.

Observamos ainda que os usuários percebem os grupos antivacinação aqui investigados como espaços seguros para a busca e recomendação de médicos que compartilham percepções antivacina, potencializando o cenário de propagação de desinformação embasada na autoridade médica. Nestes espaços, médicos antivacinação são vistos como heróis que lutam em prol do movimento, são perseguidos e aparecem mesmo como vítimas da vacina através de notícias de mortes de profissionais vacinados, enquanto médicos pró-vacina chegam a ser tratados como psicopatas e assassinos. Por outro lado, esses mesmos grupos permitem que médicos aliados se utilizem da plataforma como forma de divulgar seu trabalho através de informações como valores de consultas e terapias específicas, e de divulgação de conteúdos de suas próprias redes sociais. Mais especificamente, médicos candidatos a cargos políticos, ligados ao bolsonarismo, também utilizaram os grupos para divulgação de suas candidaturas como ativistas contra a imunização.

Enquanto buscamos analisar a articulação da autoridade médica nas conversações no WhatsApp, outras questões surgiram, destacando a necessidade de estudos futuros focados no mapeamento de profissionais da medicina que exercem influência nos grupos antivacina e na análise de como o ativismo contra a vacinação tem sido capitalizado financeiramente e politicamente por esses agentes. Ressaltamos ainda que, dado o capital social que possuem, médicos são figuras de destacada importância para a investigação da desinformação em saúde, não apenas no que se refere à COVID-19, mas também em outros contextos –tornando necessária a análise de como têm se colocado nesses espaços de contestação à ordem instituída após o fim da emergência de saúde pública imposta pelo SARS-CoV-2. Portanto, estas e outras questões estão no norte de nossas investigações futuras.

## FINANCIAMENTO

Este estudo foi realizado no escopo do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, que conta com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 465658/2014-8) e Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, E-26/200.89972018). O estudo também se insere no projeto apoiado pelo Edital Proep-COC-CNPq 2012, pelo Edital Universal Chamada CNPq/MCTI N° 10/2023 - Faixa B - Grupos Consolidados, 401881/2023-7) e pela chamada Projeto em cooperação com comprovada articulação internacional (CNPq, 441083/2023-4), liderados por Luisa Massarani. A autora Lídia Raquel Herculano Maia agradece à Fiocruz pela bolsa de pós-doutorado do Programa Inova Fiocruz. As autoras Thiane de Oliveira e Luisa Massarani agradecem ao CNPq, respectivamente, pela Bolsa de Produtividade 2 e 1B. As duas autoras também agradecem à Faperj, respectivamente, pela bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado e Cientista do Nosso Estado.

## REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. (1990). *Coisas ditas* (Things said). Brasiliense.
- Castelane, I. R., Bartholomeu, J. M. Sudario, M. P., & Piffer, G. M. (2023). Os avanços da biotecnologia no desenvolvimento de vacinas (Biotechnology advances in vaccine development). *Revista Saúde em Foco*, (15), 825-833.
- Costa, T. de A. & Silva, E. A. da. (2022). Narrativas antivacinas e a crise de confiança em algumas instituições (Anti-vaccine narratives and the crisis of trust in some institutions). *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 16(2). <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i2.3229>
- Dias, H. S., Lima, L. D. de, & Lobo, M. S. de C. (2022). Do 'Mais Médicos' à pandemia de Covid-19: Duplo negacionismo na atuação da corporação médica brasileira (From 'More Doctors' to the Covid-19 pandemic: dual denialism in the Brazilian medical corporation's performance). *Saúde em Debate*, 45, 92-106. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E207>
- Dixon, S.J. (2024, July 10). Biggest social media platforms 2024. *Statista*. <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>
- Domingues, C. M. A. S., Maranhão, A. G. K., Teixeira, A. M., Fantinato, F. F. S., & Domingues, R. A. S. (2020). The Brazilian National Immunization Program: 46 years of achievements and challenges. *Cadernos de Saúde Pública*, 36, e00222919. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00222919>

- Ferrari, I., Grisotti, M., Amorin, L., Rodrigues, L., Ribas, M., & Silva, C. (2022). “Tratamento precoce”, antivacinação e negacionismo: quem são os Médicos pela Vida no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil? *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 27(11), 4213-4222. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222711.09282022EN>
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet* (Internet research methods). Sulina.
- Fonseca, P. F. C., Ribeiro, B. E., & Nascimento, L. F. (2022). Demarcating Patriotic Science on Digital Platforms: Covid-19, Chloroquine and the Institutionalisation of Ignorance in Brazil. *Science as Culture*, 31(4), 530-554. <https://doi.org/10.1080/09505431.2022.2105691>
- Galhardi, C. P., Freire, N. P., Fagundes, M. C. M., Minayo, M. C. de S., & Cunha, I. C. K. O. (2022). Fake News and vaccine hesitancy in the COVID-19 pandemic in Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(5), 1849-1858. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.24092021en>
- Gramacho, W. G. & Turgeon, M. (2021). When politics collides with public health: COVID-19 vaccine country of origin and vaccination acceptance in Brazil. *Vaccine*, 39(19), 2608-2612. <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2021.03.080>
- Gramacho, W., Turgeon, M., Santos Mundim, P., & Pereira, I. (2024). Why did Brazil fail to vaccinate children against COVID-19 during the pandemic? An assessment of attitudinal and behavioral determinants. *Vaccine*, 42(2), 315-321. <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2023.11.064>
- Hughes, B., Miller-Idriss, C., Piltch-Loeb, R., Goldberg, B., White, K., Criezis, M., & Savoia, E. (2021). Development of a Codebook of Online Anti-Vaccination Rhetoric to Manage COVID-19 Vaccine Misinformation. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(14), 7556. <https://doi.org/10.3390/ijerph18147556>
- Kata, A. (2010). A postmodern Pandora’s box: Anti-vaccination misinformation on the Internet. *Vaccine*, 28(7), 1709-1716. <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2009.12.022>
- Kata, A. (2012). Anti-vaccine activists, Web 2.0, and the postmodern paradigm - An overview of tactics and tropes used online by the anti-vaccination movement. *Vaccine*, 30(25), 3778-3789. <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2011.11.112>
- Kemp, S. (2023, January 26). Digital 2023: global overview report (2023). *DataReportal*. <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>
- Klein, E. (2020). Lógicas comunicacionais da circulação de fake news sobre Covid-19 no WhatsApp (Communicational logics of the fake news circulation about Covid-19 on WhatsApp). *Rizoma*, 8(1), 26-48. <https://doi.org/10.17058/rzm.v1i1.15309>
- Lopes, R. (2020, July 20). Médicos são profissionais de maior credibilidade no Brasil, diz pesquisa (Research states that doctors are the most credible professionals in Brazil). *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/07/medicos-sao-profissionais-de-maior-credibilidade-no-brasil-diz-pesquisa.shtml>
- Machado, D. F. T., Siqueira, A. & Gitahy, L. (2020). Natural Stings: Selling Distrust About Vaccines on Brazilian YouTube. *Frontiers in Communication*, 5. <https://doi.org/10.3389/fcomm.2020.577941>
- Maciel, E., Fernandez, M., Calife, K., Garrett, D., Domingues, C., Kerr, L., & Dalcolmo, M. (2022). A campanha de vacinação contra o SARS-CoV-2 no Brasil e a invisibilidade

- das evidências científicas (The SARS-CoV-2 vaccination campaign in Brazil and the invisibility of science evidences). *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(3), 951–956. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.21822021>
- Maia, L. R. H., Oliveira, T., Massarani, L., & Júnior, M. A. dos S. (2023). A contestação às vacinas contra Covid-19 em grupos do Telegram no Brasil (The contestation of Covid-19 vaccines on Telegram groups in Brazil). *Intexto*, (55), 127361. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.127361>
- Massarani, L., Polino, C., Moreira, I., Fagundes, V., & Castelfranchi, Y. (Coords.). (2022). *Confiança na Ciência no Brasil em Tempos de Pandemia—Resumo executivo* (Confidence in science in Brazil in times of pandemic—Executive summary). INCT-CPCT. [https://www.inct-cpct.ufpa.br/wp-content/uploads/2022/12/Resumo\\_executivo\\_Confianca\\_Ciencia\\_VF\\_Ascom\\_5-1.pdf](https://www.inct-cpct.ufpa.br/wp-content/uploads/2022/12/Resumo_executivo_Confianca_Ciencia_VF_Ascom_5-1.pdf)
- Massuchin, M. G., Tavares, C. Q., Mitozo, I. B., & Chagas, V. H. C. de S. (2021). A estrutura argumentativa do descrédito na ciência: Uma análise de mensagens de grupos bolsonaristas de Whatsapp na pandemia da COVID-19 (Scientific institutions and the journalistic model when appropriate: the argumentative structure about discrediting science on WhatsApp during the COVID-19 pandemic). *Fronteiras - estudos midiáticos*, 23(2), 160–174. <https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.11>
- Oliveira, T. (2020). Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais (Scientific disinformation in times of epistemic crisis: circulation of conspiracy theories in social media platforms). *Fronteiras - estudos midiáticos*, 22(1), 21-35. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.03>
- Oliveira, T., Evangelista, S., Alves, M., & Quinan, R. (2021). “Those on the right take chloroquine”: The illiberal instrumentalisation of scientific debates during the COVID-19 pandemic in Brasil. *Javnost-The Public*, 28(2), 165–184. <https://doi.org/10.1080/13183222.2021.1921521>
- Pontalti Monari, A. C. & Sacramento, I. (2021). A “vacina chinesa de João Doria”: A influência da disputa política-ideológica na desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19 (The “João Doria’s chinese vaccine”: The influence of political ideological dispute on disinformation about vaccination against Covid-19). *Revista Mídia e Cotidiano*, 15(3), 125–143. <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i3.50945>
- Recuero, R., Volcan, T., & Jorge, F. C. (2022). Os efeitos da pandemia de covid-19 no discurso antivacinação infantil no Facebook (The effects of covid-19 pandemic on children’s antivaccination discourse in Facebook). *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 16(4), 859–882. <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i4.3404>
- Saver, R. S. (2023). Physicians spreading medical misinformation: the uneasy case for regulation. *Minnesota Law Review*, 911, 4457780. <https://ssrn.com/abstract=4457780>
- Soares, F. B., Recuero, R., Volcan, T., Fagundes, G., & Sodr e, G. (2021). Desinformação sobre o Covid-19 no WhatsApp: A pandemia enquadrada como debate político (Disinformation about Covid-19 on WhatsApp: the pandemic framed as political debate). *Ciência da Informação em Revista*, 8(1), 74–94. <https://doi.org/10.28998/cirev.2021v8n1e>

- Sule, S., DaCosta, M. C., DeCou, E., Gilson, C., Wallace, K., & Goff, S. L. (2023). Communication of COVID-19 Misinformation on Social Media by Physicians in the US. *JAMA Network Open*, 6(8), e2328928. <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2023.28928>
- Wardle, C. & Derakhshan, H. (2017). *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. Council of Europe.

## **SOBRE OS AUTORES**

**GIOVANA SANTANA CARLOS**, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio doutoral no departamento de Comunicação da DePaul University, com bolsa da Fulbright, e mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

 <https://orcid.org/0000-0002-1439-646X>

**LÍDIA RAQUEL HERCULANO MAIA**, professora da Universidade Regional do Cariri (URCA). Pós-doutora pelo Programa Inova Fiocruz, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Doutora em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio doutoral na School of Communication da Florida State University (FSU), e mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

 <https://orcid.org/0000-0002-9601-4268>

**LUISA MASSARANI**, doutora na Área de Gestão, Educação e Difusão em Biociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT) e pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz (COC/Fiocruz). Bolsista produtividade em Pesquisa 1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Cientista do Nosso Estado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

 <https://orcid.org/0000-0002-5710-7242>

**THAIANE OLIVEIRA**, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais (INCT-DSI), em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC) e da Academia Brasileira de Ciências. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq - Nível 2 e Jovem Cientista do Nosso Estado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

 <https://orcid.org/0000-0002-8588-3548>

**FRANCISCO JADSON SILVA MAIA**, doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisador da Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura (FUNPEC) e coordenador adjunto do Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura - Marginália (UFRN).

 <https://orcid.org/0000-0003-0148-3975>